

DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA DAS OCORRÊNCIAS LEXICAIS PARA ‘PESSOA SOVINA’ NO NORDESTE: EXISTE ALGUMA SIMETRIA?

Edmilson José de Sá (AES-CEA)

edmilsonjsa@hotmail.com

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Assuntos relacionados às variantes da linguagem popular estão cada vez mais em evidência, tanto no campo fonético-fonológico, semântico-lexical ou morfossintático. Além disso, as possibilidades de análise são conspícuas. Por um lado, são usadas as perspectivas teórico-metodológicas voltadas para a linha da sociolinguística, responsável por agregar fatores sociais à existência da variação linguística. Por outro lado, há também os estudos geolinguísticos, a partir do qual formas encontradas na fala espontânea são cartografadas, ou seja, as realizações detectadas são introduzidas na carta geográfica da região pesquisada.

Esse trabalho, então, procura apresentar uma amostra da variação dialetal de natureza lexical no Nordeste do Brasil. Para esse fim, será feita uma análise de natureza diatópica das variantes para ‘pessoa sovina’ nos atlas linguísticos já concluídos nessa região, de modo a verificar o que se sobressai e o que é inibido, o que poderá auxiliar no estabelecimento de limites linguísticos entre os Estados contemplados com a documentação dialetal.

A princípio, será feita uma abordagem sobre a questão da dialetologia e da geolinguística a fim de entender a interface entre ambas. Depois, considerando que o trabalho se atém à perspectiva lexical, acredita-se na conveniência de apresentar um panorama sobre a variação desse nível no Brasil, face aos trabalhos já concluídos, para dar lugar, nesse momento, à descrição das ocorrências lexicais para ‘pessoa sovina’ nos atlas nordestinos.

1 DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA: ENTENDENDO A INTERFACE

É fato concreto que os estudos de descrição linguística sob os auspícios da variação linguística se respaldam em três aspectos teóricos, a saber: A sociolinguística, a partir da qual a língua é explicada segundo a interferência de elementos sociais do falante a exemplo de gênero, faixa etária, escolaridade, localização, sendo esses, portanto, pertencem à dimensão chamada *diatrática*. A Dialetologia, por sua vez, se limita a investigar as realizações

linguísticas de uma dada comunidade, sem necessariamente, interpretá-las à luz de restrições externas, mas dentro da própria estrutura da língua ou, como tem sido mais recorrente, com a adoção do método cartográfico emprestado pela geografia, daí o fato de esse método ser chamado de *Geografia Linguística* ou, simplesmente, *Geolinguística*.

A aplicação desse método, embora ainda pouco conhecido e não alcunhado foi pensada por Nascentes (1958), visando à realização de uma descrição detalhada no idioma falado no Brasil. Contudo, esse feito pareceu mais difícil do que ele pensava. Assim, o linguista adiou a elaboração de atlas regionais e também o seu projeto de Atlas Linguístico de Brasil. Nas *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico de Brasil*, o autor preconiza que:

embora seja muito vantajoso um atlas feito ao mesmo tempo no país inteiro, pois o fim não é muito distanciado do início, os Estados Unidos, país vasto com belas trilhas, preferiram a elaboração de atlas regionais, para uni-los depois no atlas geral. Igualmente nós deveríamos fazer isto em nosso país que também é vasto (NASCENTES, *op cit*, p. 07).

Desde o fim dos anos cinquenta, portanto, estão sendo ampliados alguns trabalhos importantes que têm servido de apoio teórico aos estudos variacionistas e, pelo *continuum*, para as pesquisas geolinguísticas mais recentes.

O trabalho pioneiro de Nelson Rossi em 1963, chamado *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB*, foi a deixa para a confecção de vários outros trabalhos hoje encontrados tanto nas bibliotecas do Brasil, como fora delas.

Após o estudo realizado na Bahia, foram construídos o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – 1977*, o *Atlas Linguístico da Paraíba – 1984*, o *Atlas Linguístico de Sergipe – 1987*, o *Atlas Linguístico de Paraná – 1994*, o *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil – 2002*, o *Segundo Atlas Linguístico de Sergipe – 2005*, o *Atlas Linguístico Sonoro de Pará – 2004*, o *Atlas Linguístico do Amazonas – 2004*, o *Atlas Linguístico de Paraná - II – 2007*, o *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – 2007*, o *Atlas Linguístico do Estado do Ceará – 2010* e o *Atlas Linguístico de Goiás – 2012*.

Existem, ainda, alguns atlas regionais em fase de implantação, que pertencem aos Estados do Maranhão, Rio Grande do Norte, Espírito Santo, Rondônia, Pará e Pernambuco, além de outras dissertações e pesquisas já concluídas ou em elaboração, enfocando atlas microrregionais.

2 VARIAÇÃO LEXICAL NO BRASIL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nos trabalhos dialetológicos documentados sob a forma de atlas linguísticos são encontradas variantes lexicais bastante relevantes.

No atlas de Minas Gerais, por exemplo, foi percebido que as cidades localizadas no norte de Minas demonstraram preferências pelo uso de determinadas palavras, como *china* (bola-de-gude), *neve* (cerração), *chuva-de-flor* (granizo), entre outras.

Já os mineiros do sul do estado e do Triângulo Mineiro apresentaram ocorrências lexicais como *rabicó* (animal sem rabo) e *chuva-de-rosa* (granizo).

Na Paraíba, por sua vez, foram encontradas respostas curiosas e que foram inseridas no atlas linguístico do estado. Para *soutien*, também foram proferidas as respostas *corpete*, *califon*, *porta-seio*, *guarda-seio* e *bustiê*. Para útero, também foram encontradas *mãe do corpo*, *bacia*, *ventre* e *ventre da mãe*.

No caso do *tornozelo*, foram encontradas variantes do tipo *rejeito*, *junta*, *mocotó*, *junta do pé*, *osso de São Severino* e *osso do gostoso*. E para *rótula*, também apareceram as variantes *bolacha*, *bolacha do joelho*, *rodinha do joelho*, *cabeça do joelho*, *patinho* e *bolachinha*.

Ferreira et al (1987), no primeiro atlas de Sergipe, encontrou como variantes para *arco-íris* os termos *arco-celeste*, *olho de boi*, *arco de boi*, *arco da velha*, *arco de velho* e *arco*, enquanto Aguilera (1994), ao elaborar um esboço para o atlas do Paraná, encontrou, dentre outros resultados, designações para *útero* tais como *útero*, com 53% dos registros, *mãe-do-corpo* com 27%, *barriga* com 10% e *ventre* também com 10%.

Sentindo a necessidade de contemplar aspectos não mencionados num primeiro trabalho, Cardoso (2002) elaborou o segundo Atlas Linguístico de Sergipe como tese de doutorado. Nesse atlas, a professora procurou coletar respostas para o campo semântico *homem*. Além disso, convém mencionar que tais designações permitem compreender melhor o regionalismo sergipano, a exemplo da designação *tunco* para *muxoxo*, alcunha nordestina para o estalo que se dá com a língua e o céu da boca, para indicar desprezo ou desdém. A carta disposta na figura 1 mostra a categoricidade das respostas encontradas:

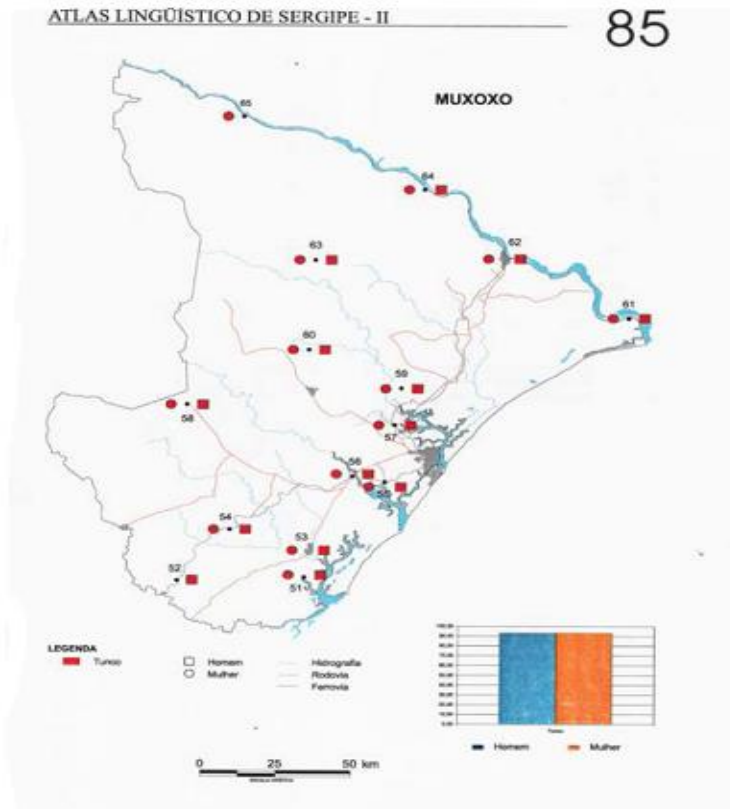


Figura 1: Carta 85 do Atlas Linguístico de Sergipe II (CARDOSO, 2002)

No Amazonas, a pesquisa realizada em nove pontos de inquérito resultou em algumas variantes curiosas no campo lexical, como foi o caso das designações para *cambalhota*, que teve como respostas *carambota*, *calambota*, *carambola*, *calhambota*, *calambiota*, *calhambiota* com 82% dos registros, *salto / pulo mortal* com 9%, *cangapé* com 6% e *bunda-canastra* que teve 3%, como mostra a carta disposta na figura 2:

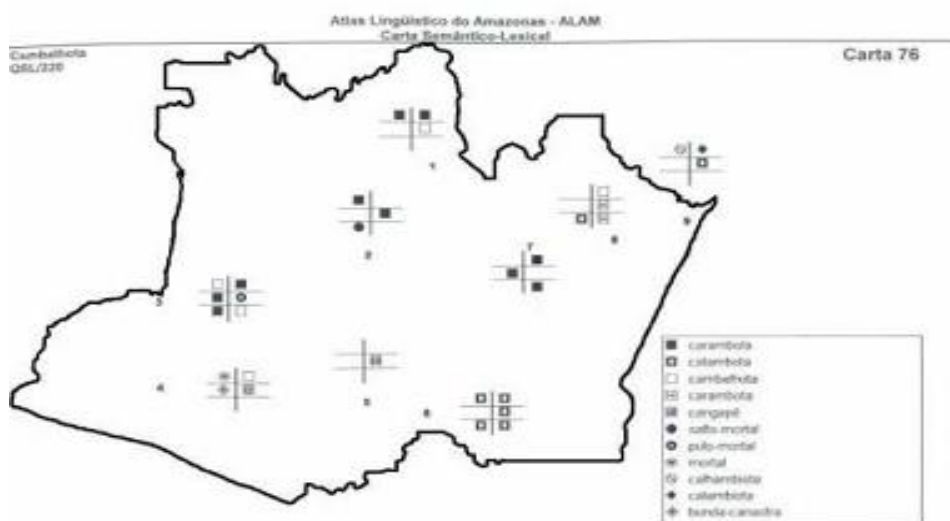


Figura 2: Carta 76 do Atlas Linguístico do Amazonas (CRUZ, 2004)

Recentemente em 2010, foi publicado o último atlas regional, o do Estado do Ceará. Nele há algumas cartas lexicais com uma quantia relevante de variantes, como é o caso da carta 7 para *ventania*, que documentou *ciclone*, *temporal*, *tufão*, *vento celeste*, *viração*, *aguaceiro*, *terremoto*, *trevoada*, *trovoada*, *vento brabo*, *vento forte* e *vento geral*.

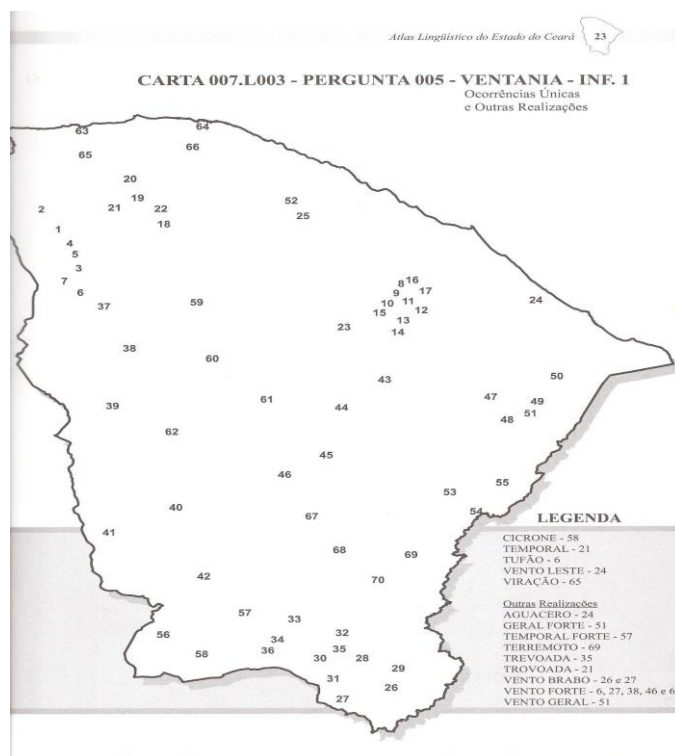


Figura 3: Carta 7 do Atlas Linguístico do Estado do Ceará (BESSA, 2010)

3 AS OCORRÊNCIAS PARA ‘PESSOA SOVINA’ NOS ATLAS NORDESTINOS.

A proposta deste trabalho visa a uma análise geolinguística das variantes para as respostas à atual pergunta 138 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) usado nos inquéritos do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e em outros trabalhos de mesma natureza. Nessa pergunta, pretende-se averiguar a designação para *a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar*.

Para a análise, foram consultados os seguintes atlas: *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, *Atlas Linguístico de Capistrano - CE (ALiC)*, *Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar (ALCOP)*, *Atlas Linguístico do Litoral Potiguar (ALiPTG)*, *Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)*, *Atlas Linguístico da Mata-Sul de Pernambuco (ALMASPE)*, *Atlas Linguístico de Buíque (ALiBUI)* e o *Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE)*.

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, de 1963, organizado por Nelson Rossi, sendo, assim, o primeiro atlas linguístico estadual do Brasil, a ponto de inspirar os trabalhos subsequentes, teve as seguintes ocorrências para *sovina*: *agarrado, avarento, econômico, esfomeado, guloso, mão-apertada, mesquinho, morta-fome, pão-duro, pechincheiro, por-de-trás, seguro, somítico, sovino(a), usurário, usurento, velhaco*.

No Ceará, considerou-se apenas o *Atlas Linguístico de Capistrano - CE (ALiC)* (MONTEIRO, 2011), uma vez que o Atlas estadual não dispõe, ainda, do volume que oferece as designações lexicais para o item escolhido. Nesse trabalho, ocorreram as seguintes designações: *avarento, mão-de-bebê, mão-de-vaca, mão-dura, mão-fechada, mesquinho, miserável, muquirana, pão-duro, seguro, sovino/silvino e ureca*.

Nos atlas potiguares, registraram-se as ocorrências de *agarrado, amarrado, mão-de-vaca, miserável, pão-duro, penoso* e *sovina*, no Centro-Oeste (SILVA, 2012) e *amarrado(a)/ pessoa amarrada, avarento, cocora, mão fechada, mão-de-vaca, mesquinho, miserável, morto de fome, pão-duro, seguro(a), sovina(o), tacanho, tacanho, unha de fome*, no litoral (PEREIRA, 2007).

Na Paraíba, encontram-se documentadas vinte e uma designações para *sovina* no atlas linguístico desse estado (ARAGÃO & PEREIRA, 1984), que, além dessa ocorrência, também foram cartografados os itens *agarrado, amarrado, arrojado, chula, econômico, enforcado, fominha, fona, mesquinho, miserável, morto a fome, morto de fome, papagaio no arame, pica fumo, rezina, seguro, somítico, sovina, tacanha, unha de fome* e *usurário*.

Em Pernambuco, foram construídos três atlas linguísticos, dentre os quais encontra-se o pioneiro *Atlas Linguístico da Mata-Sul, Atlas Linguístico de Buíque* e o *Atlas Linguístico de Pernambuco*.

Na Mata-Sul (ALMEIDA, 2009), foram válidas as ocorrências *econômico, mão fechada, mão-de-vaca, pica fumo, pirangueiro* e *sovina*. No município de Buíque (FERREIRA, 2010), registraram-se as variantes *econômico, covarde, mão-de-vaca, pão duro, somítico* e *seguro*. No Atlas estadual (SÁ, 2013), foram registrados os itens lexicais *amarrado, avarento, canguinha, econômico, mão-fechada, mesquinho, morta-fome, pão-duro, pirangueiro, seguro, sovino, unha de fome* e a lexia oracional *tem preguiça de gastar*.

Pelos dados supracitados, as lexias *econômico, mão-de-vaca, pão-duro, seguro* e *sovina* obtiveram maior destaque nos atlas nordestinos e foram distribuídos conforme o quadro 1:

Estados	Bahia	Ceará	Rio G. do Norte		Paraíba	Pernambuco		
Atlas	APFB	ALICA	ALICOP	ALIPTG	ALPB	ALMASPE	ALIBUI	ALIPE
Econômico	x				x	x	x	x
Mão-de-vaca		x	x	x		x	x	
Pão-duro	x	x	x	x			x	x
Seguro		x		x	x		x	x
Sovina	x	x	x	x	x	x		x

Quadro 1: Distribuição das variantes mais comuns entre os atlas nordestinos

Das variantes registradas no quadro 1, três parecem simbolizar limites entre os falares nordestinos, já que apenas os itens lexicais *econômico*, *seguro* e *sovina* foram cartografados nos atlas seguindo a linha dialetal permitida pelo mapa do Nordeste, como se observa na figura 4.

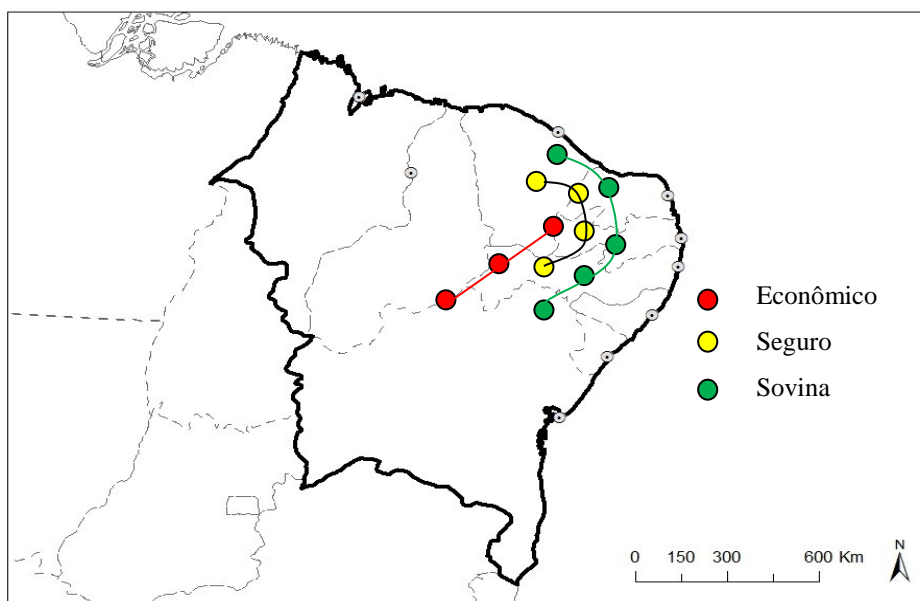


Figura 4: Distribuição diatópica das variantes mais acentuadas de sovina no mapa do Nordeste.

No Nordeste ainda foram registradas variantes menos cartografadas, mas ainda relevantes na questão da possível delimitação de áreas dialetais, como se observa no quadro 2.

	Bahia	Ceará		Rio G. do Norte	Paraíba	Pernambuco	
	APFB	ALICA	ALICOP	ALIPTG	ALPB	ALMASPE	ALIPE
Amarrado (a)			x	x	x		x
Avarento	x	x		x			x
Mão-fechada		x		x		x	x
Mesquinho		x		x	x		x
Miserável		x	x	x	x		

Quadro 2: Distribuição das variantes mais comuns entre os atlas nordestinos

Da mesma forma que ocorreu com os dados dispostos no quadro 2 e ratificados na figura 4, desta vez, apenas os itens *amarrado*, *mesquinho* e *miserável* se localizam de maneira a caracterizar zonas dialetais no Nordeste, conforme a figura 5 apresenta.

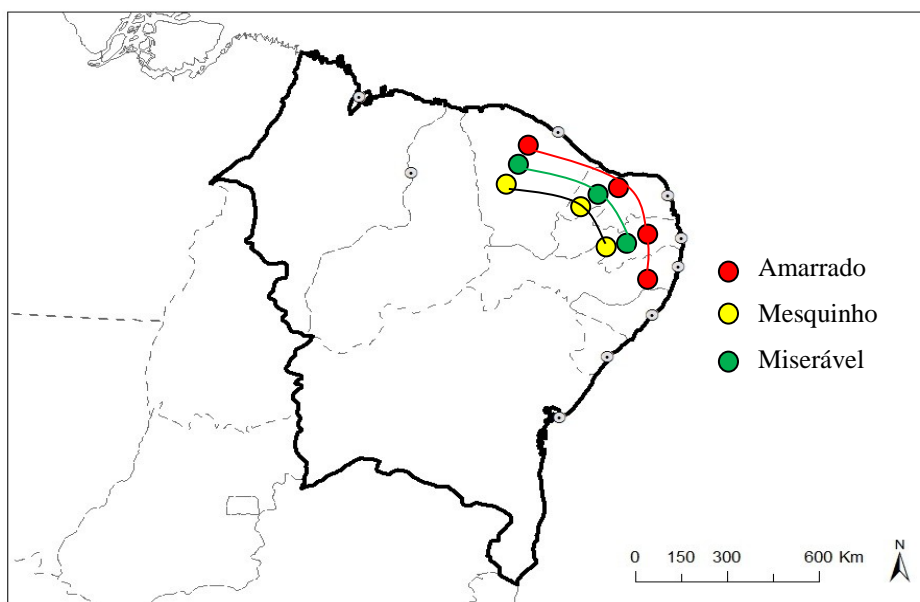


Figura 5: Distribuição diatópica das variantes mais acentuadas de sovína no mapa do Nordeste.

Foram selecionadas, ainda, variantes que se registraram em apenas dois estados nordestinos, como se observa no quadro 3:

Estados	Bahia	Ceará	Rio G. do Norte		Paraíba	Pernambuco		
Atlas	APFB	ALICA	ALICOP	ALIPTG	ALPB	ALMASPE	ALIBUI	ALIPE
Morta-fome	x							x
Morto-de-fome				x	x			

Pica-fumo					x	x		
Pirangueiro							x	x
Somítico	x				x		x	
Unha-de-fome				x				x

Quadro 3: Distribuição das variantes mais comuns entre os atlas nordestinos

Pela distribuição das variantes no quadro 3, percebe-se apenas a delimitação areal entre Rio Grande do Norte e Paraíba, na preferência por *morto-de-fome* e entre Paraíba e Pernambuco, nas ocorrências de *pica-fumo*.

O item lexical *pirangueiro* parece ser uma marca dialetal dos pernambucanos, já que apenas no estado dessa naturalidade se registra tal variante.

Registram-se, por fim, ocorrências únicas do léxico nordestino para designar a *pessoa sovina*, particulares a cada estado ou a cada município em que se produziu um atlas linguístico, como se apresenta no quadro 4.

Bahia	APFB	esfomeado, guloso, mão-apertada, pechinheiro, por-de-trás, usurento, velhaco
Rio Grande do Norte	ALCOP	penoso
	ALIPTG	Cocora, tacanha(o)
Ceará	ALICA	muquirana mão-de-bebê, mão-dura, ureca
Paraíba	ALPB	arrochado, chula, enforcado, fominha, fona, morto a fome, papagaio no arame, rezina
Pernambuco	ALMASPE	
	ALIBUI	Covarde
	ALiPE	canguinha, tem preguiça de gastar.

Quadro 4: Distribuição das ocorrências únicas de ‘pessoa sovina’ entre os atlas nordestinos

CONCLUSÃO

Com este trabalho, percebe-se o quão heterogêneo é o falar nordestino, mesmo que alguns pensem se tratar de um único falar, seja no *léxico*, no *sotaque* ou na aplicação desses itens em contextos diversos.

Os atlas linguísticos existem, justamente, para documentar essa heterogeneidade e manter um banco dados cartografados e/ou analisados passíveis de comparações com outros falares e também possibilitam estabelecer marcas dialetais a partir das variantes que se sobressaem em detrimento de outras pouco atuantes.

Aqui, tentou-se verificar dentro dos atlas linguísticos já concluídos no Nordeste a variação nas designações de ‘pessoa sovina’ e os quadros e figuras apresentados apontam limites subsequentes partindo do Ceará até Pernambuco como nos itens lexicais ‘sovina’ e ‘amarrado’, mas também identificam regionalismos lexicais específicos como o caso de ‘pechinheiro’ registrado no Ceará, ‘tacmanha’ no Rio Grande do Norte, ‘fominha’ na Paraíba, ‘pirangueiro’ e ‘canguinha’ registrados apenas em Pernambuco.

Trabalhos como este não devem ser encerrados por aqui, mas devem sim inspirar novas análises de dados quer lexicais, quer fonéticos ou morfossintáticos, o que só enriquecerá o conhecimento da língua portuguesa falada no Brasil.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas linguístico do Paraná - ALPR**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- ALMEIDA, Edilene Maria Oliveira. **Atlas linguístico da mata sul de Pernambuco**. Dissertação de Mestrado. UFPB, João Pessoa, 2009.
- ARAGÃO, Maria do Socorro da S. & MENEZES, Cleuza Bezerra. **Atlas linguístico da Paraíba**. Brasília: UFBB/CNPq, 1984.
- BESSA, José Rogério Fontenele. **Atlas linguístico do Estado do Ceará**. Vol. 1 – Introdução. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Atlas linguístico de Sergipe II**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2002.
- CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas linguístico do Amazonas – ALAM**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.
- FERREIRA, Carlota. et al. **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Aracaju: Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- MONTEIRO, Jamyle dos Santos. **Atlas linguístico léxico-semântico de Capistrano**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará; Fortaleza, 2011.
- NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, Vol. I, 1958.

PEREIRA, M. N. **Atlas geolinguístico do litoral potiguar**. Tese de Doutorado. UFRJ: Rio de Janeiro, 2007.

ROSSI, Nelson; ISENSEE, Dinah; FERREIRA, Carlota. **Atlas prévio dos falares baianos – APFB**. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1963.

SÁ, Edmilson José de. **Atlas linguístico de Pernambuco**. Tese de Doutorado. UFPB: João Pessoa, 2013

SILVA, Moisés Batista da. **Atlas linguístico do centro-oeste potiguar**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará; Fortaleza, 2012.